

O voto para o Governo de São Paulo: transformações do comportamento eleitoral no estado (2002-2014)¹

Marcela Tanaka²

RESUMO

O objetivo do trabalho é fazer uma análise comparativa das eleições de 2002 e 2014 para o cargo de Governador no estado de São Paulo a partir dos dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB). A hipótese deste trabalho é que os partidos que foram capazes de consolidar sua base em 2002 as mantiveram em 2014. A metodologia é quantitativa e utiliza análises de regressão logística multinomial. Construímos os modelos partindo dos pressupostos teóricos de que os eleitores estão submetidos a processos de socialização contextuais (AGNEW, 1996, JOHNSTON e PATTIE, 2006), de que as clivagens regionais (MENEGUELLO E BIZZARRO NETO, 2012), identidade partidária (CARREIRÃO E KINZO, 2004), religião e escolaridade (NICOLAU 2014b), avaliação de governo (GUARNIERI, 2014) entre outras variáveis, importam na formação de preferências do eleitor. Resultados apontam que embora tenha havido um decréscimo na identidade partidária no Brasil, sobretudo em relação ao PT (VEIGA, 2011), este ainda foi capaz de manter boa parte de seus adeptos. Além disso, apontam para a importância do partido como estruturante de preferências eleitorais e para relativa estabilidade de escolha para o Governo do Estado entre eleições.

Palavras-chave: Comportamento eleitoral, ESEB, eleições estaduais, São Paulo.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to compare the 2002 and 2014 election for the Governor's office in São Paulo using the Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) database. The main hypothesis is that the parties that were able to consolidate their electoral basis in 2002 were able to keep them in 2014. The methodology is quantitative and uses multinomial logistic regressions analysis. We built the models from the theoretical assumption that voter's preferences are influenced by contextual socialization processes, in which regional cleavages, party identity, religion and level of education, government evaluation among other variables have impact in the voter preference's formation. The results show that, although there was a decline at party identity in Brazil, above all related to PT, this party was still able to maintain a large part of its constituency. Furthermore, the results points to the party's relevance as structuring actor of the electoral preferences and to the reasonable stability of choices to the Governor's office between elections.

Key words: electoral behaviour, ESEB, state elections, São Paulo

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no IV Fórum Brasileiro de Ciência Política em agosto de 2015 – Niterói/RJ.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (DCP/IFCH/Unicamp). Grupo de Estudos de Política Brasileira (PolBras/CESOP/Unicamp). E-mail: marcela.tanaka@hotmail.com

Introdução

Compreender o comportamento do eleitor a partir de *surveys* tem sido uma prática corrente na literatura da política brasileira. É vasta a quantidade de trabalhos que buscam explicar o voto presidencial a partir do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), entretanto o voto para o governo paulista neste caso, foi deixado de lado. É nesse sentido que este trabalho está inserido, o uso da primeira e quarta onda do ESEB de 2002 e 2014, respectivamente, proporcionará a análise comparativa do comportamento do eleitor paulista nos últimos 12 anos.

Pouco se sabe sobre quais são os motivos que levam os eleitores a escolherem seus governadores, apesar da importância dessas disputas. Ao passo que muito se avançou nas investigações sobre os pleitos presidenciais, pouco foi produzido de forma sistemática sobre o nível subnacional (AMARAL e TANAKA, 2016). Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é investigar as transformações ocorridas no eleitorado paulista no período citado. Utilizamos as respostas quanto ao voto para governador – PT e PSDB em 2002 e PSDB, PMDB e PT³ em 2014 – no primeiro turno, variáveis institucionais e variáveis sociodemográficas. A escolha do voto majoritário permite comparação com as respostas de nível nacional, e possibilita localizar São Paulo em referência ao Brasil, de forma que uma breve análise comparativa entre o comportamento estadual e nacional seja feita. Já a escolha das respostas de variáveis sociodemográficas se justifica pela literatura da teoria social de clivagens (LIPSET & ROKKAN, 1967; LIPSET, 2001), e da sociologia política (LAZARSFELD, BERELSON & GAUDET, 1968) que nos permite analisar a formação e consolidação, ou não, das bases sociais desses partidos ao longo dos anos no estado.

Para além disso, entendemos que o terreno político da escolha partidária abrange outros fatores que influenciam o comportamento, tais como a divisão social do trabalho, a natureza das tecnologias de comunicação, a nacionalização das disputas (tensões centro-local), divisões de classe, étnicas, de gênero, etc. e a geografia do cotidiano, entendida pelas interações dos indivíduos em ações do seu dia-a-dia, seja no trabalho, seja na escola, entre outras, que atuam na formação de preferências partidárias dos atores (TAYLOR e JOHNSTON, 1979; AGNEW, 1996; JOHNSTON e PATTIE, 2006; MENEGUELLO, 2014). De modo geral, portanto, um pressuposto fundamental desse

³ Partido dos Trabalhadores (PT); Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). A escolha desses partidos se deu por terem recebido a maior quantidade de votos no primeiro turno das eleições.

trabalho é que "a política pode ser mapeada não simplesmente como o resultado geográfico de processos não espacializados de escolha política, mas como um processo espacializado de influência e escolha política" (AGNEW, 1996, p.132).

O trabalho está organizado em três grandes partes, a primeira é a discussão teórica, que dará bases para as interpretações dos dados apresentados adiante, e apresentação da metodologia de trabalho utilizada. A segunda parte é uma breve descrição do histórico das eleições de 2002 e 2014 para o Estado de São Paulo. E a terceira consiste na análise dos preditores do voto em 2002 e 2014 que nos permitirá comparar o eleitorado nos últimos 12 anos. Por fim, apresentamos os resultados e considerações finais.

Pressupostos teóricos e metodologia

Cientes do debate em torno dos limites do argumento tradicional de clivagens que defendem o declínio da relevância eleitoral dos grupos clássicos – trabalhadores *versus* capitalistas; centro *versus* periferia, etc. (BEST, 2011), seja pelo argumento da diminuição em seus tamanhos (MAIR, 2008) ou pelo indicador de volatilidade (BARTOLINI & MAIR, 2007), seguimos com a concepção de que estes grupos ainda encontram na sociedade pós-industrial uma maneira de estruturar preferências e comportamentos, traduzindo as dinâmicas do mundo urbano e industrial, tal como as relações entre centro e periferia (LIPSET, 2001). A teoria social de clivagens (LIPSET & ROKKAN, 1967), portanto, defende a ideia de que a escolha eleitoral é resultado "de uma decisão social coletiva e as diferenças nos padrões de votação tendem a recobrir as principais clivagens e uma sociedade" (BALBACHEVSKY & HOLZHACKER, 2004).

Entendemos, entretanto, que somada a essa abordagem composicional, que trata do comportamento individual associado aos atributos socioeconômicos, é importante trazer para a análise a dimensão contextual. O contexto enfatiza o papel de mediação do ambiente político e social, tais como: locais de trabalho, residência, de origem e organização partidária, práticas religiosas, fontes de informação, entre outras (AGNEW, 2007). Além disso, o contexto também é entendido como lugar de ação política e socialização dos indivíduos (AGNEW, 1996; 2011), como formador de atores e opiniões (THERNBORN, 2006), capaz de estruturar relacionamentos entre estrutura social e comportamento de apoio partidário (ANDERSEN & HEATH, 2003) e também de relações de afeição (THRIFT, 2006). Nesse sentido, entendemos que o eleitor paulista está submetido a diversos contextos que moldam suas preferências políticas e

que, de forma combinada, atuam em sua tomada de decisão. Para testar essa hipótese, ainda que minimamente, utilizamos a variável região, que separa o eleitorado em Capital e Interior.

Em trabalho recente, Meneguello e Bizzarro Neto (2012), apontaram que a variável clivagem regional importa na compreensão da consolidação das preferências em torno de posicionamentos específicos, governismo e oposicionismo. Além disso, mostraram que existem associações, embora com flutuações, entre votação partidária e contextos específicos. Isso nos dá base para pensar como o eleitor paulista votou em 2002 e como votou em 2014, se é verdade que as bases sociais dos partidos dos governadores se mantiveram iguais ou se foram modificadas. Se os contextos em que o candidato obteve maior sucesso se transformaram ao longo dos últimos 12 anos.

A literatura sobre o voto presidencial brasileiro é vasta, mas alguns trabalhos são balizadores para a compreensão do fenômeno que nos propusemos a entender neste trabalho. Ainda que cientes da diferença entre as eleições federais e estaduais, entendemos que as ferramentas analíticas usadas nestes trabalhos são úteis também para este trabalho. Para além das variáveis socioeconômicas buscamos variáveis institucionais. Carreirão (2004) e Balbachevsky e Holzhacker (2004), embora discordem sobre a independência entre identidade ideológica e estratificação social, observaram a relevância da primeira variável para a tomada de decisão do eleitor. Da mesma forma, acreditamos que essa variável tenha peso no voto estadual e por isso a incluímos no estudo.

Nicolau (2014b) analisa o voto para a presidência em 2010, também a partir dos dados do ESEB, e encontra que as variáveis religião e escolaridade tiveram impacto expressivo na predição do voto. No mesmo trabalho, o autor encontra que a identificação partidária e região também possuem força explicativa. De modo geral, para o autor, o eleitor utiliza o partido como estruturador de preferência, demonstrando a importância que as agremiações têm pra a sua escolha.

Também nessa linha, Carreirão e Kinzo (2004) argumentam que a identificação partidária tem efeito na escolha eleitoral. Eles ressaltam que a literatura internacional difere quanto à forma que essa variável atua. De um lado, a Escola de Michigan defende que a identificação seria pautada em bases psicológicas "afetivas no processo de socialização e, portanto, mais resistente a mudanças ou influências de outra ordem" (CARREIRÃO e KINZO, 2004, p.132). Por outro lado, a teoria da escolha racional questiona a lealdade partidária pautada nos processos de socialização. Essa teoria afirma

que a identidade partidária atua no sentido de tornar os partidos atalhos ideológicos para obtenção de informação com baixos custos.

Amaral e Tanaka (2015) buscam entender o comportamento do eleitor brasileiro nas disputas para os governos estaduais brasileiros a partir do ESEB (2014) a partir de variáveis de avaliação de governo e a situação da economia (DOWNS, 1999), efeitos da preferência partidária, destacando a importância dos partidos políticos na definição das escolhas eleitorais (CARREIRÃO e KINZO, 2004; BRAGA e PIMENTEL Jr, 2011; RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2011; NICOLAU, 2014b; AMARAL e RIBEIRO, 2015) entre outras variáveis que serão testadas para o caso paulista. Os autores encontraram que identificação partidária importou na escolha dos governadores, também a disputa nacional entre PT e PSDB tiveram impacto nas escolhas de candidatos petistas e tucanos. Por outro lado, a avaliação do governo federal não obteve resultados tão nítidos nas escolhas dos candidatos em nível subnacional (AMARAL e TANAKA, 2015).

Pensando sobre tudo isso a hipótese central que orienta esse trabalho é que apesar do passar dos anos e das mudanças ocorridas no período, partidos que foram capazes de consolidar suas bases em 2002 também foram capazes de mantê-las em 2014, ainda que com certas flutuações; e que o comportamento do eleitor que têm preferência por determinado partido não variou significativamente no período.

Essas mudanças que ocorreram no período estão relacionadas às mudanças em relação ao comportamento do PT em 2002, sobretudo após a divulgação da Carta aos Brasileiros por Lula, em que o candidato se compromete a acatar com as decisões do Fundo Monetário Internacional (FMI) que apontou para uma moderação no discurso do PT. Também não se pode deixar de lado a percepção dos eleitores em relação dos escândalos de corrupção do "mensalão" em 2005 que atingiram a alta cúpula do partido. Por fim, também importa nessas mudanças ocorridas no período de doze anos o fato de Lula não ter concorrido pela Presidência pela primeira vez desde a redemocratização, além da eleição de Dilma Rousseff em 2010, sendo a primeira mulher presidente do país. Todas essas conjunturas são esperadas que atuassem no comportamento do eleitor, entretanto, sustentamos que os partidos ainda funcionariam como atalhos cognitivos e como orientador do sistema como um todo, (Carreirão e Kinzo, 2004; Braga e Pimentel Jr, 2011; Ribeiro, Carreirão e Borba, 2011; Nicolau, 2014b; Amaral e Ribeiro, 2015), significando, portanto, a sua capacidade de manutenção das bases sociais de apoio.

Para entendermos as bases que elegeram os governadores, analisamos os fatores que explicam os votos para governador nos anos de 2002 e 2014. Nesse sentido, a primeira parte do trabalho é a apresentação das eleições de 2002 e 2014.

A segunda parte do trabalho consiste e análises de regressão logística multinomial que incluem modelos que nos permitem inferir o que, de fato, pode ser preditor do voto nos dois pleitos. Os resultados encontrados nessa seção poderão nos guiar às conclusões parciais sobre as transformações do eleitorado paulista, colocando-os em perspectiva nos últimos 12 anos. As variáveis trazidas compreendem três dimensões: **1.** avaliação de governo; **2.** sociodemográfica, a fim de debater com a literatura de clivagens, da sociologia política; **3.** e institucional, com o intuito de trazer o debate partidário para o comportamento político.

A metodologia utilizada nesse trabalho é predominantemente quantitativa. Realizamos um estudo comparativo entre os modelos de explicação do voto em 2002 e 2014 a partir dos dados retirados dos ESEB dos mesmos anos. O ESEB é um *survey* pós-eleitoral realizado por amostragem no país inteiro pelo Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e conta com um módulo comum internacional em parceria com a Universidade de Michigan, sob o consórcio *Comparative Studies of Electoral Systems Project (CSES)*⁴. Para os anos selecionados uma amostra para o Estado de São Paulo também foi extraída o que nos permite inferir de modo relativamente seguro sobre o funcionamento da política paulista de modo geral, pois o ESEB contou com uma amostra representativa para o estado nos dois *surveys*. A vantagem da pesquisa pós-eleitoral é que ela "permite identificar os referenciais do comportamento do eleitor quando suas atitudes em relação à campanha e ao sistema político já estão realizadas e suas opiniões são emitidas a posteriori" (MENEGUELLO, 2007, p.12).

As eleições de 2002.

As eleições de 2002 começaram com as candidaturas de Geraldo Alckmin (PSDB) e José Genoíno (PT). Também na disputa estava Paulo Maluf (PPB⁵) conhecido da política paulista, pois havia concorrido pelo cargo em 1986, 1990 e 1998, mas que

⁴ O ESEB 2002 contou com uma amostra de 2513 entrevistas que foram estratificadas por região política administrativa, mais as capitais, além de uma subamostra para o estado de São Paulo. O ESEB 2014 contou com amostragem nacional de 2506 entrevistas com eleitores estratificados por estado. Neste caso São Paulo também possuiu uma subamostra específica.

⁵ Partido Progressista Brasileiro, atual Partido Progressista (PP)

ficou em terceiro lugar, com 21,37% dos votos. Nesse momento, também, PSDB e PT protagonizavam as disputas nacionais, concorrendo no segundo turno das eleições presidenciais. Nesse pleito, PSDB era o *incumbent* e concorria pelo governismo, uma vez que o candidato havia assumido o cargo após a morte de Mario Covas, governador eleito pelo PSDB em 1998.

O PT, por outro lado, era o desafiante, trazendo José Genoíno como cabeça de chapa. Genoíno era presidente do partido e um de seus líderes, e pela primeira vez lançava uma candidatura competitiva pelo governo do estado, conseguindo chegar ao segundo turno. Embora o PT tenha sido a oposição por excelência nos pleitos ao município de São Paulo (LIMONGI & MESQUITA, 2008), e nas disputas presidenciais desde a redemocratização, as candidaturas para o governo de São Paulo não pareciam decolar. Os resultados do primeiro turno levaram Alckmin (PSDB), com 38,28% de votos e Genoíno (PT) com 32,44% de votos para a disputa do segundo turno.

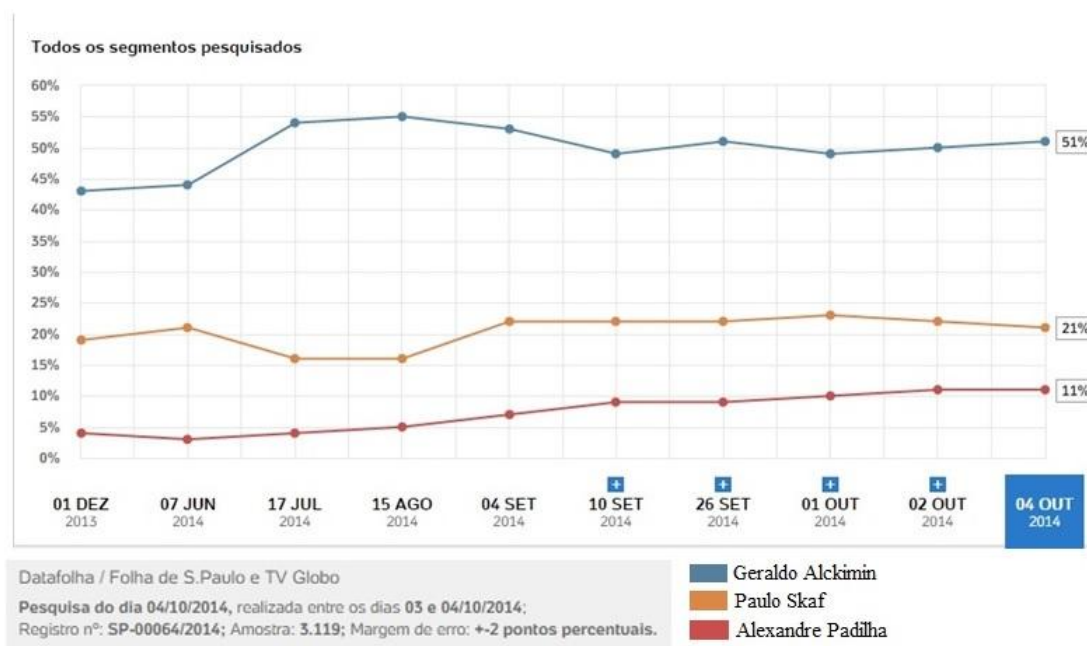
No sentido da teoria de clivagens, a literatura sobre São Paulo permite supor que o candidato do governo apresentasse um eleitorado mais ligado a setores mais conservadores, mais ligados as atividades agrárias e menos escolarizados (SADEK, 1989), enquanto que o candidato opositor teria seu eleitorado mais concentrado em atividades mais industriais e seria mais urbano. Como já referido, Meneguello e Bizarro Neto (2012) também analisaram o estado de São Paulo e encontram que existem diferenças regionais no comportamento eleitoral paulista. Apontando para a relevância da clivagem regional na formação de preferência.

As eleições de 2014

Doze anos após o ESEB 2002 o ESEB 2014 traz uma amostra representativa do estado de São Paulo, a ideia agora é fazer os mesmos passos da análise do ESEB 2002. Em 2006 o *incumbent* José Serra foi eleito no primeiro turno, com 57,93% dos votos, o candidato petista Aloizio Mercadante ficou com o segundo lugar somando um total de 31,68% dos votos. Isso demonstra certa força hegemônica do PSDB que começa a se consolidar. No ano de 2010, mais uma vez o PSDB consegue ganhar as eleições já no primeiro turno. Dessa vez, um pouco mais apertado, o ex-governador Geraldo Alckmin consegue 50,63% dos votos contra 35,23% dos votos do segundo candidato, o petista Aloizio Mercadante. Novamente o partido tucano prova ser hegemônico no estado de São Paulo, pelo menos para o voto majoritário.

A eleição de 2014 foi tanto diferente, quanto firmou a posição do PSDB em São Paulo. Diferentes porque pela primeira vez o PT não protagonizou as disputas pelo Governo com os tucanos, amargando um terceiro lugar angariando 18,22% dos votos. O candidato era o ex-ministro de Relações Internacionais do governo Lula e ex-ministro da saúde do governo Dilma: Alexandre Padilha. A segunda diferença foi o segundo candidato mais bem votado, Paulo Skaf, do PMDB, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e que havia concorrido pelo PSB em 2010. As novidades são tanto o PT que não foi capaz de decolar a candidatura de Padilha em nenhum momento da campanha, dado apontado pelos dados de intenção de voto do Gráfico 1⁶, quanto o PMDB, que desde 2002 não tinha força expressiva no estado. Sendo que em 2002 angariou 1,32% dos votos; em 2006, com ninguém menos que Orestes Quéricia, conseguiu apenas 4,57% e em 2010 sequer lançou candidato próprio, formando coligação com o PSDB de Geraldo Alckmin. Em 2014, Paulo Skaf conseguiu um total de 21,31% dos votos.

Gráfico 1. Intenções de voto para governador em São Paulo – 2014



Geraldo Alckmin, por sua vez, buscava a reeleição e foi bem sucedido, totalizando 57,31% dos votos em 2014. A mais recente eleição para o majoritário estadual consolidou a força tucana no estado, agora somando mais de 20 anos no

⁶ Gráfico produzido através das pesquisas Datafolha e retirado do site: <http://eleicoes.uol.com.br/2014/pesquisas-eleitorais/sao-paulo/1-turno/>. Acessado em 14/06/2015.

governo. Resta investigar, portanto, se são os mesmos eleitores que escolheram Alckmin em 2002 e 2014, além de buscar o perfil dos eleitores dos outros dois candidatos mais votados.

Dada essa breve contextualização das eleições separadamente, é necessário colocá-las em perspectiva, o que significa levar em consideração que tanto PT quando PSDB, além serem os dois originários e adversários no estado de São Paulo, também são os maiores competidores na esfera nacional. Desde 1994 PT e PSDB protagonizaram as eleições presidenciais angariando entre 70 e 90% do total de votos válidos (LIMONGI e GUARNIERI, 2014). Entendemos que essa dimensão da competição importa na avaliação dos eleitores para a escolha de seus candidatos ao governo do estado. A literatura americana trabalha bastante sobre essa hipótese do referendo nacional (Simon, 1989; Simon, Ostrom e Marra, 1991).

Ao passo que PSDB e PT sempre foram competidores no plano nacional, a força do PSDB em São Paulo pode ser considerada quase hegemônica, controlando o Palácio dos Bandeirantes desde 1995 com a eleição de Mario Covas, sendo que pelo menos desde 2006 a disputa tem sido encerrada no primeiro turno com os candidatos tucanos levando o gabinete. Somam-se a isso as dificuldades do PT em âmbito nacional e o deslocamento da força eleitoral do partido para os estados do Norte e Nordeste (SOARES e TERRON, 2008) com a candidatura fraca de Padilha, é possível um contexto de disputas bastante diferente daquele que ocorreu em 2002. É nesse sentido que pautamos a comparação destes dois pleitos, buscando compreender as transformações do comportamento do eleitor neste período.

Os preditores de voto em 2002 e 2014.

Essa seção traz os modelos de explicação do voto em 2002 e 2014. A análise feita aqui é uma regressão logística multinomial, cujas variáveis independentes respondem a três dimensões do voto: **1.** Avaliação de governo; **2.** Institucional; **3.** Contextual e sociodemográfica. Ao total, os dois modelos contam com dez variáveis explicativas. A variável dependente foi construída a partir da pergunta que buscava a intenção de voto para o cargo de Governador em 2002 e 2014. Para o modelo de 2002 as respostas foram separadas em "Alckmin, PSDB (0)", "Genoíno, PT (1)" e "Outros (2)", a categoria de referência foi o candidato tucano. Para o modelo de 2014 a categoria de referência também é "Alckmin, PSDB (0)", as demais são; "Padilha, PT (1)" e "Skaf, PMDB (2)", as demais respostas foram colocadas em *missing*.

1. Avaliação de governo

A – Avaliação do governo federal: Nos modelos de 2002 e 2014: utilizamos uma variável que combinava as respostas de quem tinham avaliado o Governo FHC (1998) e o Governo Dilma (2010) pela pergunta "como o senhor avalia o Governo (Dilma, ou FHC) nos últimos 12 meses?". As categorias de resposta foram agrupadas em "Ruim/péssimo (2)", "Regular (1)" e "Ótimo/bom (0)", sendo a primeira a categoria de referência.

2. Variáveis institucionais

A – Identidade partidária. Aqui as variáveis foram recodificadas de modo diferentes nos modelos, uma vez que as questões utilizadas foram também diferentes. No modelo de 2002 utilizamos a pergunta "Qual o partido que melhor representa sua forma de pensar?". Devido à baixa taxa de respostas as agrupamos em "Não PT (0)"; "PT (1)" e "Não se identifica (2)" sendo esta última a categoria de referência. No modelo de 2014 a questão era "Qual partido gosta?" e as respostas foram categorizadas em "PSDB (1)"; "PT (2)" e "Não se identifica (3)", também aqueles que responderam não se identificar foram colocados como categoria de referência. As demais respostas foram colocadas em *missing*.

B – Autolocalização na escala ideológica. Em ambos os modelos a recodificação é a mesma. Os respondentes da pergunta "Novamente pensando em esquerda e direita na política, como o(a) sr(a) se considera? Lembrando que zero significa que o(a) sr(a) é de esquerda e 10 que o(a) sr(a) é de direita" foram agrupados em "Direita (0)"; "Centro (1)"; "Esquerda (2)" e "Não sabe o que é esquerda e direita (3)". A última categoria foi utilizada como referência. Demais respostas foram colocadas em *missing*.

C – Voto na Presidência. Utilizamos a variável que compreendia a intenção de voto para a Presidência da República no mesmo pleito da eleição para Governador. Assim, em 2002 as respostas foram colocadas nas categorias "Lula, PT (2)"; "Serra, PSDB (1)" e "Outros (0)". Lula foi a categoria de referência. Em 2014 as categorias foram "Dilma, PT (2)"; "Aécio Neves, PSDB (1)" e "Outros (0)". A candidata petista também foi a categoria de referência. Como nas outras variáveis os casos que não se aplicavam foram deixados em *missing*.

D – Voto retrospectivo. Tanto no modelo de 2002 como em 2014 as respostas foram classificadas a partir da intenção de voto dos respondentes para o cargo de Governador

nos pleitos de 1998 e 2010. Assim, as categorias são "Outros (0)"; "PT (1)" e "PSDB (2)", sendo a última categoria a de referência.

3. Variáveis Contextuais e Sociodemográficas

A – Região. As respostas foram separadas em "Capital (0)" e "Não Capital (1)". Sendo Não Capital a categoria de referência.

B – Religião. Os respondentes foram separados em "Ateus/Sem religião (0)"; "Evangélicos (1)" e "Católicos (2)", também a última categoria foi a referência.

C – Escolaridade. Quatro categorias separam as respostas, a primeira que é também a categoria de referência é "Fundamental Incompleto (3)"; subsequentes estão aqueles que responderam "Fundamental completo/Médio incompleto (2)"; "Médio completo/Superior incompleto (1)"; "Superior completo ou mais (0)".

D – Cor. A variável é binária e separada em "Branços (0)" e "Não Brancos (1)", sendo a última a categoria de referência.

E – Idade. Tratada como variável contínua.

Resultados.⁷

Estão sinalizadas com cor cinza clara as variáveis que apresentaram significância no modelo construído. O que os resultados apontam para as eleições de 2002 para o cargo de Governador é que as variáveis institucionais são aquelas que realmente explicam o voto para este cargo no estado. Tal como argumentam Amaral e Tanaka (2015), preferência partidária e a disputa nacional entre PT e PSDB atuam também para o caso específico de São Paulo em 2002.

Assim, o eleitor que tende a não se identificar com o PT em relação àqueles que não se identificam com nenhum partido têm menos chances de votar no Genoíno que em Alckmin. Esses achados corroboram com os argumentos discutidos pela literatura sobre a competição nacional, isto é, que a preferência partidária importa na definição da escolha dos candidatos (Carreirão e Kinzo, 2004; Braga e Pimentel Jr, 2011; Ribeiro, Carreirão e Borba, 2011; Nicolau, 2014b; Amaral e Ribeiro, 2015).

Por outro lado, uma variável bastante significativa é o voto para a Presidência na eleição casada, ou seja, no mesmo pleito. Ter votado em José Serra ou em qualquer outro candidato em relação aos que votaram em Lula diminuem as chances do eleitor ter

⁷ Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Oswaldo Amaral (DCP/Unicamp) pela colaboração no tratamento dos dados apresentados.

escolhido Genoíno para o Governo de São Paulo em relação a Alckmin. Ainda na questão do voto, também tem impacto o voto retrospectivo. Aqueles eleitores que votaram em Marta Suplicy (PT) em 1998 para o Governo do estado têm três vezes mais chances de terem votado no candidato petista do que no candidato tucano em 2002.

Tabela 1. Regressão Logística Multinomial - Governo 2002

	B	Sig.	Exp(B)	Lower	Upper
José Genoíno (PT)					
Avaliação FHC (Ruim/Péssimo)					
Ótimo/bom	,060	,870	1,062	,518	2,178
Regular	,146	,747	1,158	,476	2,816
Identificação Partidária (Não se identifica)					
Não PT	-1,260	,045	,284	,083	,971
PT	,661	,065	1,937	,959	3,912
Autolocalização Ideológica (Não sabe o que é)					
Direita	-,009	,986	,991	,375	2,619
Centro	,271	,595	1,311	,483	3,559
Esquerda	,669	,171	1,952	,749	5,082
Voto Presidência 2002 (Lula)					
Outros	-2,450	,000	,086	,025	,297
José Serra	-2,966	,000	,052	,019	,141
Voto retrospectivo 1998 (PSDB)					
Outros	,357	,365	1,429	,660	3,098
PT	1,126	,006	3,084	1,377	6,910
Região (Não Capital)					
Capital	-,100	,772	,905	,458	1,785
Religião (Católica)					
Ateus/Sem religião	-,743	,268	,476	,128	1,770
Evangélica	-,481	,289	,618	,254	1,505
Escolaridade (Fund. Incompl.)					
Superior ou mais	,525	,430	1,690	,459	6,232
Médio compl./Superior incompl.	-1,263	,032	,283	,089	,895
Fund. Compl./Médio Incompl.	-,323	,499	,724	,284	1,847
Cor (Não Branco)					
Branco	,082	,812	1,086	,551	2,138
Sexo (Feminino)					
Masculino	,127	,708	,881	,454	1,710
Idade					
	-,008	,530	,992	,966	1,018

A categoria de referência é Alckmin (PSDB)

N=378; -2Likelihood = 491,482; Nagelkerke = 0,584

Cabe, enfim, as considerações sobre a avaliação do governo federal. Como pouco foi produzido sobre o voto subnacional no Brasil, buscamos na literatura

americana bases para sustentar o uso dessa variável. É evidente que a transposição dos meios de análise do caso americano para o caso brasileiro não podem ser feitas de maneira imprudente, visto que tanto o sistema partidário quanto eleitoral são diferentes nos dois casos. Todavia, algumas indicações podem trazer luz sobre algumas hipóteses a serem testadas. De modo geral, nos Estados Unidos, a hipótese do referendo nacional é que dita os trabalhos. Isto é, as escolhas do plano subnacional estariam vinculadas ao nível de aprovação do presidente (Simon, 1989; Simon, Ostrom e Marra, 1991). Orth (2001) defende que a escolha para o governo depende da avaliação da economia estadual, por outro lado, Carsey e Wrigth (1998) argumentam que tanto a avaliação da economia estadual quanto o nível de aprovação do presidente importam na escolha do governador. O que os dados de 2002 apontam corroboram com os achados de Amaral e Tanaka (2015) de que a avaliação do governo federal não teve impacto na escolha subnacional.

De modo geral, portanto o que constitui o voto para o cargo de Governador no estado de São Paulo em 2002 é bastante associado ao partidarismo – embora tenha havido um decréscimo de sua taxa no Brasil (VEIGA, 2011). No caso apresentado, isto é, do voto em Genoíno, os dados apontam que quem opta por este candidato foi aquele eleitor que se identifica com o PT, que havia votado no candidato petista ao Governo de São Paulo em 1998 e que também havia votado em Lula para a Presidência da república. Por fim, a faixa de escolaridade que teve impacto significativo foi a dos eleitores que possuem Ensino Médio completo e Superior incompleto. Estes teriam menos chances de votar no candidato petista do que aqueles que possuem Fundamental incompleto. Disso decorre o argumento que o eleitor de Genoíno em 2002 estaria mais associado ao eleitorado de menor escolaridade. O eleitor de Alckmin por sua vez está concentrado nos estratos sociais de maior escolaridade. Também são aqueles que optaram pelo candidato tucano à presidência (José Serra) ou por qualquer outro ao invés do candidato petista, Lula. Por fim, também tem maior probabilidade de escolher Alckmin ao invés de Genoíno aquele eleitor que não se identifica com o PT.

A Tabela 2 apresenta os dados de 2014 para os votos de Alexandre Padilha (PT) em relação aos votos de Geraldo Alckmin (PSDB). Novamente as variáveis que se mostraram significativas no modelo foram aquelas relacionadas ao sistema político. Importa, portanto, para o voto em 2014, as variáveis de autolocalização ideológica, voto na presidência e o voto retrospectivo em 2010. Nesse sentido, tendo como referência os votos em Geraldo Alckmin (PSDB), o eleitor que se posiciona à esquerda do espectro

ideológico tem mais chances do que aqueles que não sabe se posicionar de ter escolhido Alexandre Padilha (PT) do que o atual governador.

Da mesma forma, impacta o voto na Presidência, não ter votado em Aécio Neves (ou mesmo em qualquer outro candidato, se diminuirmos o nível de confiança a 90%), diminui as chances de ter votado no candidato petista em relação àqueles que optaram por Dilma Rousseff para a Presidência em 2014. Por fim, o voto retrospectivo aponta congruência do eleitor através do sistema, isto porque, ter optado por votar no PT em 2010 aumenta as chances de escolher o candidato petista em 2014. Isso aponta para um eleitor cujas preferências eleitorais estão alinhadas.

Tabela 2. Regressão Logística Multinomial - Governo 2014

	B	Sig.	Exp(B)	Lower	Upper
Alexandre Padilha (PT)					
Avaliação FHC (Ruim/Péssimo)					
Ótimo/bom	-1,254	,352	,285	,020	3,995
Regular	-1,768	,193	,171	,012	2,444
Identificação Partidária (Não se identifica)					
PT	,020	,984	1,021	,140	7,443
Autolocalização Ideológica (Não sabe o que é)					
Direita	,679	,591	1,971	,166	23,343
Centro	,700	,572	2,014	,178	22,781
Esquerda	3,643	,012	38,197	2,246	649,702
Voto Presidência 2014 (Dilma)					
Outros	-2,782	,093	,062	,002	1,592
Aécio Neves	-3,866	,008	,021	,001	,364
Voto retrospectivo 2010 (PSDB)					
Outros	3,100	,007	22,191	2,356	208,978
PT	4,798	,000	121,272	15,216	966,523
Região (Não Capital)					
Capital	,850	,404	2,340	,318	17,229
Religião (Católica)					
Ateus/Sem religião	-,196	,899	,822	,040	17,085
Evangélica	1,102	,238	3,009	,482	18,796
Escolaridade (Fund. Incompl.)					
Superior ou mais	1,554	,461	4,730	,076	293,193
Médio compl./Superior incompl.	1,565	,362	4,780	,165	138,285
Fund. Compl./Médio Incompl.	2,305	,138	10,022	,476	210,978
Cor (Não Branco)					
Branco	,386	,618	1,471	,322	6,717
Sexo (Feminino)					
Masculino	,058	,943	1,059	,217	5,163
Idade					
	-,013	,673	,987	,928	1,049

A categoria de referência é Alckmin (PSDB)

N = 151; -2likelihood = 134,177; Nagelkerke = 0,694

Ou seja, o partido político parece funcionar como atalho para cognição de preferências e orientador do sistema como um todo (Carreirão e Kinzo, 2004; Braga e Pimentel Jr, 2011; Ribeiro, Carreirão e Borba, 2011; Nicolau, 2014b; Amaral e Ribeiro, 2015). No Anexo 1 está apresentado o modelo de regressão para o candidato do PMDB, Paulo Skaf, para o mesmo cargo. Também é possível corroborar o argumento da importância do sistema político como um todo na definição de preferências eleitorais ao constatar que no caso do candidato peemedebista, somente o voto retrospectivo teve impacto.

O caso de São Paulo se torna, portanto, um dos casos específicos em que duas situações debatidas por Amaral e Tanaka (2015) trabalham: o caso do voto nos grandes partidos – PT, PSDB e PMDB – como também a situação de *incumbent* versus desafiante. Tal como no Brasil, em geral, o *incumbent* paulista tende a se beneficiar pela escolha do eleitor de já ter votado no mesmo partido em eleições anteriores. Isto demonstra que há uma estabilidade no sistema de escolha dos eleitores para os pleitos estaduais (AMARAL e TANAKA, 2015).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho era investigar as mudanças eleitorais no estado de São Paulo entre 2002 e 2014 de forma exploratória. Para isso, utilizamos os dados para o majoritário estadual como forma de colocar em perspectivas os fatores que estariam influenciando os eleitores paulistas na formação de suas preferências. Abordamos a questão baseados, principalmente, em duas literaturas. A primeira versa sobre a importância contextual para a formação de preferências; Trouxemos, como base para isso, o debate sobre clivagens e da sociologia política. Por outro lado, entendemos a importância das variáveis institucionais na estruturação do voto e, para tanto, incluímos a bibliografia que as discute no nível nacional e a testamos para o nível estadual.

Nossa hipótese central era de que apesar do passar dos anos e das mudanças ocorridas no período, já citadas acima no texto, partidos que foram capazes de consolidar suas bases em 2002 também foram capazes de mantê-las em 2014, ainda que com certas flutuações; e que o comportamento do eleitor que têm preferência por determinado partido não variou significativamente no período. As hipóteses se confirmam quando olhamos os dados das regressões. Há pouca flutuação nos fatores que explicam os votos em 2002 e 2014. Colocando em comparação, o eleitor do PT em São Paulo, em 2002 era muito associado ao PT, de esquerda e que não se identificava

com nenhum outro partido que não fosse o PT. Também é o eleitor que já havia optado pelo partido nas eleições estaduais anteriores e nas presidenciais do mesmo ano. O eleitor que escolhe Padilha, em 2014, tem quase o mesmo perfil, à exceção da perda da significância da variável de escolaridade. Todavia, é salutar ressaltar o fato que o eleitor de Padilha em 2014 é muito mais partidário, no sentido de rejeitar a candidatura de Alckmin e ter maior identidade partidária. O mesmo ocorre com o PSDB no período. Em 2002, as maiores chances de voto se concentravam no eleitorado que possuía identidade com o partido. Além disso, explica o voto no PSDB aqueles eleitores que optam pelo candidato tucano nas eleições presidenciais e nas eleições estaduais passadas, tal como no caso petista. Em 2014 o perfil é muito parecido.

As variáveis relacionadas ao contexto e sociodemográficas, por outro lado, não apresentaram resultados estatísticos significantes. Isso aponta para o achado de que no nível das eleições subnacionais, ao menos no caso paulista, as variáveis que realmente têm impacto para a escolha do eleitor são as variáveis de natureza institucional e partidária. Cabe ainda refutar a ideia trazida pela literatura americana de que os eleitores recompensam ou punem os governadores baseados na avaliação nacional do presidente, isto é, da "hipótese do referendo nacional" (Simon, 1989; Simon, Ostrom e Marra, 1991), para o caso paulista. Não testamos aqui a hipótese da aprovação estadual pela falta de perguntas objetivas sobre a aprovação do governo. No entanto, indicações extraídas de Amaral e Tanaka (2015) apontam que, a avaliação de políticas públicas (criminalidade, qualidade do ensino público e acesso aos serviços de atendimento médico) específicas não influencia a decisão final do eleitor na opção pela sua escolha ao Governo do Estado.

De modo geral, o que esse trabalho buscou foi apontar as transformações do comportamento eleitoral no estado ao longo dos últimos 12 anos. Trouxemos uma literatura que afirma a importância do contexto na formação de preferências do eleitor e embora os testes disponíveis para essa hipótese tenham sido limitados, defendemos que o local que o eleitor tem seus processos socialização importa. Por fim, buscamos mostrar como as variáveis institucionais também estão presentes no nível estadual, não da mesma forma e intensidade, mas comparativamente ao nível federal. Nesse sentido, da mesma forma que no nível nacional, os partidos desempenham funções importantes no comportamento do eleitor. Eles encurtam os caminhos para identificação ideológica, e diminuem os custos da tomada de decisão. Mas também são capazes de criar

identificação pautada nos processos de socialização do eleitor, de base psicológica e afetiva, tal como argumenta a Escola de Michigan.

Assim, conclui-se que, de maneira geral, o comportamento do eleitor paulista nos últimos 12 anos se manteve relativamente estável, pautando suas preferências eleitorais a partir de suas preferências partidárias. Também encontramos que a lógica da competição estadual também é regida pela concorrência presidencial, de forma que as escolhas subnacionais também são influenciadas pelo desempenho partidário nacional (AMARAL e TANAKA, 2015). O eleitor paulista na última década, portanto, parece alinhado ao não distinguir as disputas nacionais e estaduais.

Referências bibliográficas.

AGNEW, J. Mapping politics: how context counts in electoral geography. *Political Geography* V.15, 1996.

_____. Remaking Italy? Place Configurations and Italian Electoral Politics under the 'Second Republic'. *Modern Italy*, v.12, n°1, 2007.

_____. Space and Place. In: AGNEW, J. and LIVINGSTONE, D. (Eds.) *Handbook of Geographical Knowledge*. London: Sage, 2011.

AMARAL, O. E do; RIBEIRO, P. F. Por que Dilma de novo? Uma análise exploratória do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2014. *Revista de Sociologia e Política*, 23(56), pp. 107 – 123, 2015.

_____.; TANAKA, M. "Como os brasileiros escolhem os governadores? Desvendando as razões do voto para os executivos estaduais no Brasil em 2014". Paper apresentado no Workshop sobre o ESEB 2014 realizado na Unicamp. Dezembro, 2015.

ANDERSEN, R; HEATH, A. *Social Identities and political cleavages: the role of political context*. *Journal of Royal Statistical Society*, v.166, 2003.

BALBACHEVSKY, E; HOLZHACKER, D. O conteúdo estratégico da decisão eleitoral em 13 anos de eleições. *Opinião Pública*, v.10, n°2, 2004.

BARTOLINI, S.; MAIR, P. *Identity, Competition and Electoral Availability: The Stabilisation of European Electorates 1885-1985*. ECPR Press, University of Essex, Reino Unido, 2007 .

BEST, R. E. The Declining Electoral Relevance of Traditional Cleavage Groups. *European Political Science Review*, 3(2): 279-300, 2011.

BRAGA, M. S. S.; PIMENTAL Jr., J. Os partidos políticos brasileiros realmente não importam? *Opinião Pública*, 17(2), pp. 271-303, 2011.

CARREIRÃO, Y. A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais. *Revista de Sociologia e Política*, N°22, 2004.

_____.; KINZO, M. Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002). *Dados*, 47(1), 2004.

CARSEY, T.M.; WRIGHT, G.C. State and National Factors in Gubernatorial and Senatorial Elections. *American Journal of Political Science*, 42, pp. 994 – 1002, 1998.

DOWNS, A. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999.

LAZARSFELD, P; BERELSON, B; GAUDET, H. The people's choice: how to voter makes up his mind in a presidential campaign. Nova York, Columbia University Press. 1948.

LIMONGI, F.; GUARNIERI, A base e os partidos: As eleições presidenciais no Brasil pós-redemocratização. *Novos estudos – CEBRAP*, n°99, julho, 2014.

LIMONGI, F.; MESQUITA, L. Estratégia Partidária e Preferência dos Eleitores: As Eleições Municipais em São Paulo entre 1985 e 2004. *Novos estudos - CEBRAP*, n°81, p.49-67. Julho, 2008.

LIPSET, S. M., Cleavages, Parties and Democracy, In: Karvonen, L., Kuhnle, S. (orgs.) *Party Systems and Voter Alignments Revisited*. Londres: Routledge, 2001

_____.; ROKKAN, S. (orgs.). *Party Systems and Voter Alignments: Cross-National Perspectives*. Nova Iorque: The Free Press. 1967.

MAIR, P. The Challenge Of Party Government. *West European Politics*, v.31, 2008.

MENEGUELLO, R. PT: A formação de um partido, 1979-1982. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. Quem apoia o Presidente?. *XXVII LASA International Congress*. Montreal, 2007

_____. Contexto e Padrões de Votação. *XII Brazilian Studies Association, BRASA*. Londres, Agosto, 2014.

_____.; BIZZARRO NETTO, F., Contexto e Competição na Política Paulista. *DADOS- Revista de Ciências Sociais*, vol.55, n.1, 2012.

NICOLAU, J. Determinantes do voto no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010: uma análise exploratória. *Opinião Pública*, 20(3), pp. 311-325 2014b.

ORTH, D. A. Accountability in a Federal System: The Governor, The President, and Economic Expectations, *State Politics and Policy Quarterly*, 1, pp. 412-432, 2001.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y. d. S. e BORBA, J. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. *Opinião Pública*, 17(2), pp. 336-368, 2011.

SADEK, M. T. A Interiorização do PMDB nas Eleições de 1986 em São Paulo. In: Eleições 1986: História Eleitoral do Brasil. Sadek, M.T. (Org.), São Paulo, IDESP/Vértice, 1989.

SIMON, D. M. President, Governors, and Electon Accountability. *Journal of Politics*, 51, pp. 286 – 304, 1989.

SIMON, D. M.; OSTROM, C.W.; MARRA, R. F. The President, Referendum Voting, and Subnational Elections in the United States. *Amerian Political Science Review*, 85(4), pp. 1177 – 1192, 1991.

SOARES,G; TERRON,S. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial). *Opinião Pública*, v.14, n°2, p.269-301, 2008.

THERBORN, G. Why and How place matters. In: GOODIN & TILLY (eds). Oxford Handbook of Contextual Political Analysis. Oxford University Press, 2006.

THRIFT, N. Space, Place and Time. In: GOODIN & TILLY (eds). Oxford Handbook of Contextual Political Analysis. Oxford University Press, 2006.

VEIGA,L. O partidarismo no Brasil (2002/2010). *Opinião Pública*, v.17, n°2, p. 400-425, 2011.

Anexo 1

Tabela 3. Regressão Logística Multinomial - Governo 2014

	B	Sig.	Exp(B)	Lower	Upper
Paulo Skaf (PMDB)					
Avaliação FHC (Ruim/Péssimo)					
Ótimo/bom	-,123	,898	,885	,136	5,746
Regular	,258	,737	1,294	,288	5,821
Identificação Partidária (Não se identifica)					
PT	-,695	,543	,499	,053	4,693
Autolocalização Ideológica (Não sabe o que é)					
Direita	-,525	,552	,591	,105	3,341
Centro	-,138	,872	,871	,162	4,689
Esquerda	-1,437	,501	,238	,004	15,550
Voto Presidência 2014 (Dilma)					
Outros	,036	,969	1,037	,169	6,364
Aécio Neves	-,787	,376	,455	,080	2,597
Voto retrospectivo 2010 (PSDB)					
Outros	2,646	,000	14,091	3,321	59,778
PT	2,618	,005	13,715	2,239	83,996
Região (Não Capital)					
Capital	,214	,769	1,238	,298	5,144
Religião (Católica)					
Ateus/Sem religião	-,440	,702	,644	,068	6,131
Evangélica	,011	,989	1,011	,231	4,424
Escolaridade (Fund. Incompl.)					
Superior ou mais	1,467	,394	4,336	,148	126,703
Médio compl./Superior incompl.	1,464	,360	4,322	,188	99,544
Fund. Compl./Médio Incompl.	1,425	,325	4,160	,244	71,048
Cor (Não Branco)					
Branco	,636	,326	1,888	,532	6,704
Sexo (Feminino)					
Masculino	,468	,449	1,597	,476	5,366
Idade					
	-,002	,928	,998	,952	1,046

A categoria de referência é Alckmin (PSDB)

N = 151; -2likelihood = 134,177; Nagelkerke = 0,694

O Voto para o Governo de São Paulo: transformações no comportamento eleitoral no estado (2002-2014)

Marcela Tanaka

(marcela.tanaka@hotmail.com)

Mestranda do PPGCP/IFCH/Unicamp

OBJETIVOS E HIPÓTESE

O objetivo do trabalho é fazer uma análise comparativa das eleições de 2002 e 2014 para o cargo de Governador no estado de São Paulo a partir dos dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB). A hipótese deste trabalho é que os partidos que foram capazes de consolidar sua base em 2002 se mantiveram em 2014

METODOLOGIA

O trabalho consiste em análises de regressão logística multinomial. Construimos os modelos partindo dos pressupostos teóricos de que os eleitores estão submetidos a processos de socialização contextuais (AGNEW, 1996), de que as clivagens regionais (MENEGUELLO E BIZZARRO NETO, 2012), identidade partidária (CARREIRÃO E KINZO, 2004), religião e escolaridade (NICOLAU 2014b), avaliação de governo (GUARNIERI, 2014) entre outras variáveis, importam na formação de preferências do eleitor. Optamos por deixar visíveis somente as variáveis que tiveram significância estatística.

DISCUSSÃO

A hipótese se confirma quando olhamos os dados das regressões. Há pouca flutuação nos fatores que explicam os votos em 2002 e 2014. Colocando em comparação, o eleitor do PT em São Paulo, em 2002 era muito associado ao PT, de esquerda e que não se identificava com nenhum outro partido que não fosse o PT. Também é o eleitor que já havia optado pelo partido nas eleições estaduais anteriores e nas presidenciais do mesmo ano. O eleitor que escolhe Padilha, em 2014, tem quase o mesmo perfil, à exceção da perda da significância da variável de escolaridade. As variáveis relacionadas ao contexto e sociodemográficas, por outro lado, não apresentaram resultados estatísticos significantes. Isso aponta para o achado de que no nível das eleições subnacionais, ao menos no caso paulista, as variáveis que realmente têm impacto para a escolha do eleitor são as variáveis de natureza institucional e partidária, tal como já apontava a literatura (CARREIRÃO e KINZO, 2004; BRAGA e PIMENTEL Jr, 2011; RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2011; NICOLAU, 2014b; AMARAL e RIBEIRO, 2015). Não testamos aqui a hipótese da aprovação estadual pela falta de perguntas objetivas sobre a aprovação do governo. No entanto, indicações extraídas de Amaral e Tanaka (2015) apontam que, a avaliação de políticas públicas (criminalidade, qualidade do ensino público e acesso aos serviços de atendimento médico) específicas não influencia a decisão final do eleitor na opção pela sua escolha ao Governo do Estado.

RESULTADOS

Tabela 1. Regressão Logística multinomial Governador 2002

	B	Exp(B)
José Genuíno (PT)		
Identificação Partidária (Não se identifica)		
Não PT	-1,260**	,284
PT	,661*	1,937
Voto Presidência 2002 (Lula)		
Outros	-2,450***	,086
José Serra	-2,966***	,052
Voto retrospectivo 1998 (PSDB)		
Outros	,357	1,429
PT	1,126***	3,084
Escolaridade (Fund. Incompl.)		
Superior ou mais	,525	1,690
Médio compl./Superior incompl.	-1,263**	,283
Fund. Compl./Médio Incompl.	-,323	,724

*p<0,1; **p<0,05; *** p<0,005

A categoria de referência é Alckimin (PSDB)

N=378; -2Likelihood = 491,482; Nagelkerke = 0,584

Tabela 2. Regressão Logística multinomial - Governador 2014

	B	Exp(B)
Alexandre Padilha (PT)		
Autolocalização ideológica (Não sabe)		
Direita	,679	1,971
Centro	,700	2,014
Esquerda	3,643**	38,197
Voto Presidência 2014 (Dilma)		
Outros	-2,782*	,062
Aécio Neves (PSDB)	-3,866***	,021
Voto Retrospectivo 2010 (PSDB)		
Outros	3,100***	22,191
PT	4,798***	121,272

*p<0,1; **p<0,05; *** p<0,005

A categoria de referência é Alckimin (PSDB)

N = 151; -2Likelihood = 134,177; Nagelkerke = 0,694

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, conclui-se que, de maneira geral, o comportamento do eleitor paulista nos últimos 12 anos se manteve relativamente estável, pautando suas preferências eleitorais a partir de suas preferências partidárias. Também encontramos que a lógica da competição estadual também é regida pela concorrência presidencial, de forma que as escolhas subnacionais também são influenciadas pelo desempenho partidário nacional (AMARAL e TANAKA, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNEW, J. Mapping politics: how context counts in electoral geography. *Political Geography* V.15, 1996.; AMARAL, O. E do; RIBEIRO, P. F. Por que Dilma de novo? Uma análise exploratória do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2014. *Revista de Sociologia e Política*, 23(56), pp. 107 – 123, 2015.; __; TANAKA, M. "Como os brasileiros escolhem os governadores? Desvendando as razões do voto para os executivos estaduais no Brasil em 2014". Paper apresentado no Workshop sobre o ESEB 2014 realizado na Unicamp. Dezembro, 2015.; BRAGA, M. S. S.; PIMENTAL Jr., J. Os partidos políticos brasileiros realmente não importam? *Opinião Pública*, 17(2), pp. 271-303, 2011.; CARREIRÃO, Y. e KINZO, M. Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002). *Dados*, 47(1), 2004.; GUARNIERI, F. Comportamento eleitoral e estratégia partidária nas eleições presidenciais no Brasil (2002-2010), *Opinião Pública* 20(2), 2014.; NICOLAU, J. Determinantes do voto no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010: uma análise exploratória. *Opinião Pública*, 20(3), pp. 311-325 2014b.; RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y. d. S. e BORBA, J. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. *Opinião Pública*, 17(2), pp. 336-368, 2011